

A BALCANIZAÇÃO DA SÍRIA E A GUERRA NA UCRÂNIA

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Al Qaeda não é um problema se isso servir a certos interesses, e se o público tiver que ser convencido de que são “combatentes pela liberdade” da Síria, assim será feito.

“O arco de crise que afeta os teatros do Oriente Médio e da Europa vê uma linha direta entre a guerra na Ucrânia e a da Síria, razão pela qual falaremos sobre o Hezbollah, Aleppo e a Rússia no próximo artigo”, dissemos na semana passada. Com base neste compromisso, tentaremos uma “abordagem” que permita ao leitor compreender o que está em jogo neste capítulo da “guerra mundial por partes”.

Poderá o rápido colapso do regime de Assad nos surpreender? Dadas as circunstâncias, não teria previsto assim, mas a situação estratégica era favorável. Os inimigos do regime de Assad aproveitaram-se da situação. O Hezbollah ficou gravemente enfraquecido pelos ataques de Israel. Antes de começar a administração de Donald Trump nos Estados Unidos, a Rússia está tentando usar todas as suas forças na Ucrânia e criar fatos que a coloquem na melhor situação relativa para futuras negociações.

A Rússia está avançando na Ucrânia a um ritmo constante e não está inclinada a ser “distraída” por objetivos menores (caso Kursk). Aparentemente, a Turquia também viu uma oportunidade para implementar mudanças. Há outra coisa interessante: vimos como os acontecimentos podem evoluir quando as forças militares ficam desmoralizadas após anos de combates.

Claramente, a Rússia decidiu manter seu esforço operacional com suas forças na Ucrânia. Segundo nossas análises, a Rússia manterá as duas bases em Tartus e Latakia. Assim foi negociado. No entanto, os russos poderão procurar locais alternativos. É aí que entra a Líbia, uma vez que a Rússia já é aliada do general Haftar. Os russos poderão em breve estabelecer-se em Tobruk.

Com estas bases mediterrâneas, a Rússia conseguiu demonstrar sua força militar no Mediterrâneo e, assim, exercer influência. O mesmo se aplica à base da Força Aérea.

A QUEDA DE ASSAD É UMA DERROTA PARA PUTIN?

É uma pergunta válida, mas podemos ter outras questões. Vejamos: a economia russa está tentando fornecer às suas próprias tropas na Ucrânia tudo o que precisam. Um segundo teatro de guerra na Síria, já causaria dificuldades. O mesmo acontece com os Estados Unidos, que têm problemas semelhantes quando se trata de apoiar a Ucrânia e Israel ao mesmo tempo.

É muito cedo para arriscar certezas, é preciso esperar para ver. Surpreendentemente, os jornais ucranianos relataram que as forças especiais ucranianas apoiaram os rebeldes sírios. Também surgiram vídeos de drones com visão em primeira pessoa (FPV), como os que conhecemos da Ucrânia. Talvez os ucranianos esperassem que os russos enviassem mais tropas para a Síria. E, desta forma, descomprimir o campo de batalha europeu. Em vez disso, os russos abriram mão do espaço sírio para o conflito e estão agora se concentrando na Ucrânia. O objetivo estratégico continua a ser destruir a Ucrânia.

Lendo as coisas de outra forma, de acordo com nossa análise, os russos estão se tornando ainda mais fortes na Ucrânia. Vamos pensar que se as unidades forem retiradas da Síria, poderão ser usadas para apoiar o esforço na Ucrânia. Trata-se, por exemplo, de navios que podem disparar mísseis de cruzeiro a partir do Mar Negro. Por outro lado, as forças russas na Síria não eram suficientemente grandes para fazer muita diferença. Se a Rússia conseguisse romper as últimas linhas de defesa ucranianas, poderia haver um impulso difícil de parar. A Ucrânia continua a ter grandes dificuldades em reunir soldados suficientes e os ataques aéreos contra infraestruturas críticas agravam essa dificuldade.

REFLEXÕES SOBRE A BALCANIZAÇÃO DA SÍRIA

Reflexão nº 1. Henry Kissinger falando sobre a Síria há algum tempo (2017), em entrevista a um jornal nova-iorquino publicada pelo jornal *Al Chorouk*, a propósito da “Primavera Árabe”, disse: Estas “revoluções que abalam o mundo árabe” não começaram de forma inofensiva. “Você acha que essas revoluções na Tunísia, no Egito e na Líbia foram pelos belos olhos dos árabes? Nossos objetivos são a Síria e o Irã”, esclareceu em tom zombeteiro.

E confessou: “Porquê a Síria em particular?” e respondeu que a Síria é o polo do Islã moderado no mundo. A Síria também é o centro do cristianismo naquela área. Os Estados Unidos estão trabalhando, segundo ele, para destruir estruturas urbanas relacionadas ao cristianismo e para deslocar à força os cristãos sírios. O diplomata norte-americano acrescentou que foi devido à “estupidez” do ex-

presidente norte-americano Richard Nixon que os Estados Unidos não conseguiram ocupar a Síria. *“A única solução para acabar com isso é queimá-la por dentro, é o que está acontecendo agora”*.

Reflexão nº 2. A queda de Bashar al-Assad marca um capítulo decisivo na longa e devastadora guerra civil da Síria, mas não representa uma vitória para o Ocidente. Na verdade, a passagem do controle de Damasco para as mãos de uma coligação jihadista, liderada por Ahmed al-Sharaa (mais conhecido como al-Jolani), líder do Hayat Tahrir al-Sham (HTS), marca um fracasso estratégico que terá repercussões importantes tanto em nível geopolítico como a segurança global.

Desde o início do conflito sírio, o Ocidente tem procurado derrubar o regime de Assad para estabelecer um governo pró-Ocidente. Este objetivo foi a peça central do programa Timber Sycamore, lançado pela CIA em 2013 para armar e financiar grupos rebeldes. No entanto, a intervenção militar russa em 2015, com bombardeios maciços e apoio direto às forças de Assad, impediu que o plano da OTAN e dos Estados Unidos se concretizasse. Com o passar dos anos, a estratégia ocidental mudou: já não era a conquista da Síria, mas a tentativa de desgastar a Rússia, envolvendo-a em um conflito sem fim, uma tática conhecida como *“estratégia de sangramento”*.

O objetivo era fazer Moscou sangrar, abrandando suas capacidades econômicas e militares. No entanto, esta abordagem produziu um efeito secundário devastador: a consolidação de grupos extremistas em território sírio.

Reflexão nº 3. A queda de Assad abriu as portas a um novo regime, não menos hostil ao Ocidente do que o de Assad. A coligação que agora controla Damasco é liderada por jihadistas ligados à Al Qaeda, e foi anteriormente classificada como organização terrorista pelos Estados Unidos e pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Al-Jolani, uma figura de destaque na nova liderança síria, é um veterano do terrorismo internacional, conhecido pelo seu entusiasmo pelos ataques de 11 de setembro e pela sua militância com a Al Qaeda no Iraque sob o comando de Abu Musab al-Zarqawi. Esta transição não representa apenas uma derrota política para o Ocidente, mas também mina a estabilidade regional e a segurança global. A transição de um regime autoritário mas relativamente previsível para uma coligação extremista jihadista teve um custo humanitário incalculável: a destruição total do país e a morte de um número alarmante de civis, incluindo inúmeras crianças.

O efeito dominó na Ucrânia: Paradoxalmente, a queda de Assad poderá fortalecer a posição da Rússia em outro teatro de guerra: a Ucrânia. Ao pôr termo ao seu envolvimento direto na Síria, Moscou pode reinvestir recursos militares e financeiros no conflito ucraniano, inclinando a balança a seu favor. Enquanto o Ocidente se regozija com as dificuldades russas na Síria, a Ucrânia corre o risco de pagar o preço final.

A recaptura de Damasco pelos jihadistas não representa uma vitória para a OTAN ou para Kiev. Putin já chegou a acordos com as novas autoridades jihadistas para salvaguardar os interesses russos na Síria, demonstrando uma capacidade pragmática de adaptação a novos cenários. Pelo contrário, o Ocidente está excluído de qualquer influência estratégica no país.

E SEMPRE VOLTAMOS À NÉVOA DA GUERRA 2.0

Quando os jihadistas da Al Qaeda são bons, é o título do site Globalter.com, artigo que mostra o duplo padrão para medir os fatos e as circunstâncias de acordo com os interesses do Ocidente opulento e atlantista: “Os militantes da chamada Organização de Libertação do Levante (HTS) tomou o poder pela força na Síria e derrubou o presidente Al-Assad, que teve que fugir do país. O HTS é um ramo da Al Qaeda liderado por Abu Mohammad al-Joulani. Este jihadista lutou nas fileiras da Al Qaeda no Iraque contra os Estados Unidos após a invasão de 2003. Mais tarde, mudou-se para a Síria e criou a Al Nusra, a franquia da Al Qaeda na Síria. Lá ele recebeu o apoio do principal líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al Baghdadi.”

O HTS é considerado uma organização terrorista pelo Conselho de Segurança da ONU e por países como os EUA, a Turquia, o Reino Unido e a União Europeia. A embaixada dos EUA na Síria anunciou em 2017 uma recompensa de 10 milhões de dólares pela captura de Al-Joulani: *“Hoje, um grupo jihadista próximo da Al Qaeda acaba de tomar violentamente o poder em um país que compartilha conosco a costa do Mediterrâneo, a duas horas de avião da UE e na fronteira com a OTAN. Não parece ser uma boa notícia, mas eles não nos vão apresentar desta forma esta divisão síria da Al Qaeda ou seu líder Al-Joulani. A razão que justifica este golpe militar aos olhos do Ocidente é que o governo deposto de Al-Assad era parceiro da Rússia, do Líbano e do Irã, portanto agora os terroristas islâmicos são vistos de uma forma diferente no Ocidente. Temos que realizar a campanha apropriada para embranquecê-los.”*

Segundo o jornal *El País*, o que a Al Qaeda fez foi libertar a Síria e traz a manchete: *Vozes da Síria libertada: Depois de 14 anos de opressão e tortura, conseguimos.* No *Eldiario.es*: *“Os insurgentes sírios puseram fim a mais de 13 anos de guerra civil.”* Isso seria o mesmo que dizer que na Espanha, em 1939, os insurgentes de Franco puseram fim a três anos de guerra civil.

Interessante: a conclusão é simples. A hipocrisia e o cinismo ocidentais são tais que ser um ramo terrorista da Al Qaeda não é um problema se isso servir para confrontar a Rússia, a Palestina ou o Irã. Da mesma forma que nos anos 1980 os Estados Unidos financiaram o Talibã para combater os soviéticos no Afeganistão, agora não hesitamos em apoiar grupos islâmicos semelhantes porque servem contra os russos e os iranianos. E se o público tiver que ser convencido de que são “rebeldes” e “combatentes pela liberdade” da Síria, assim será feito.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
